

A alma da ética

Antes de abordar a problemática da ética no desporto, que constitui o cerne deste trabalho, como pontapé de saída, proponho uma breve reflexão: o que é, afinal, a ética? Uma palavra pequena, mas carregada de peso, como iremos constatar mais tarde.

Se recuarmos à sua etimologia, constatamos que deriva do grego *ethos*, que significa costume. O seu correspondente em latim é o termo *mos* (plurais *mores*), do qual provém a palavra moral. Assim, a ética pode ser compreendida como o conjunto de princípios morais que orientam a conduta individual, tanto na esfera pessoal como profissional. Nesse sentido, podemos considerá-la uma autêntica corredora, que atravessou uma longa maratona histórica para chegar aos dias de hoje com plena relevância.

Depois de explorar a origem da palavra, nada melhor do que percorrer a sua alma, pois é nela que residem as pistas para alcançarmos a nossa meta: compreender a dimensão e a grandiosidade da ética.

Naturalmente, a ética permeia todas as áreas da vida, mas no desporto assume um papel de vital importância, uma vez que protege não só o adversário como também nos defende a nós próprios. Se recuarmos no tempo, até à Idade Média, verificamos que não existem registos sobre as seis regras fundamentais que o francês Godofredo de Preully instituiu nos torneios cavaleirescos. No entanto, há quem acredite que foi ele o autor das primeiras normas para regulamentar as competições, possivelmente no século XI. Sendo elas:

Nunca ferir com a ponta da arma o cavaleiro adversário

Não lutar fora das fileiras

Nunca atacar sozinho vários adversários

Não ferir o cavalo do rival

Desferir apenas golpes no peito e no rosto

Nunca investir quando o adversário tiver a viseira da armadura erguida.

Se analisarmos estes preceitos não concluiremos tratar-se de um exemplo evidente de ética no desporto? Ainda que fosse um desporto violento, havia um código de conduta, um conjunto de normas a respeitar. Mesmo na derrota, subsistia um traço de dignidade por se ter sido superado em igualdade de circunstâncias por um adversário momentaneamente superior:

Atualmente, a ética no desporto está presente, mas é ignorada em nome de interesses económicos. Na minha perspetiva, o que importa hoje é ganhar e lucrar a qualquer custo, visando prioritariamente o dinheiro, que rege a sociedade em que vivemos.

Contudo, será que os Jogos Olímpicos, criados na terra da democracia, nos tempos de Platão, não premiavam os vencedores com a coroa de louros, elevando-os ao estatuto de heróis como Aquiles? Nem todo o ouro do mundo poderia igualar a honra desse feito. Outrora, participar era um privilégio, independentemente do resultado.

Hoje, a vitória perdeu o seu sabor : não a vitória física, mas a vitória moral, aquela que se conquista de forma justa, sem artifícios ou enganos.

Como já referi aqui, devemos deixar-nos guiar pela alma da palavra. Só assim atingiremos a meta para a compreendermos verdadeiramente a grandiosidade que irradia.